

*"Quem elegeu a busca não
pode recusar a travessia."
(Guimarães Rosa)*

INCLUSÃO: UMA EXPERIÊNCIA PARA RELEMBRAR

Maria¹ foi um marco. Na Educação Infantil do Colégio Teresiano, foi a primeira menininha a chegar com paralisia cerebral.

Em nossa escola, há anos as crianças eram recebidas sem avaliação, o que nos garantia o trabalho com crianças bem diferentes entre si. Para nós, esta realidade foi sempre motivo de reflexão e busca para tentar trilhar este caminho da melhor forma, principalmente, porque, ao longo dos anos, o desejo de oferecer uma educação de qualidade a todos/as, fez retornar com intensidade o tema da inclusão: o sentido desse termo se fortaleceu para se referir a crianças com algum tipo de deficiência e que deveriam frequentar as salas de aula em escolas regulares.

Devido a pouca idade dos/as nossos alunos/as, muitos deles/as, que exigiam de nós mais criatividade, persistência, atenção e investigação, não tinham nenhum "diagnóstico", ou melhor, não havia nenhum nome sob o qual pudéssemos agrupar algumas de suas formas de comportamento e modos de aprender.

¹ Nome fictício.

Em 2013, depois que a Lei 12.796 alterou a Lei 9.396 de 1996 no art.58, quanto ao estabelecimento das bases para a Educação Nacional, nossa escola acolheu alunos/as com necessidades especiais em todos os segmentos, e muito mais diagnósticos foram surgindo em nossa escola. Mas era o dia a dia, com situações imprevisíveis, que nos oferecia as chances de trabalho com as crianças reais que tínhamos diante de nós.

O caso de Maria nos pôs de frente a algumas exigências: o que dizer da adaptação da nossa metodologia às suas necessidades? Como tratar a questão do vínculo entre a professora e Maria, confortável com Leila², sua mediadora? A professora precisou adaptar suas expectativas para lidar com mais um adulto em sala de aula, além de escolher o lugar a ser ocupado por Maria e a cadeira de rodas. Ela também via a necessidade de participar dos momentos de brincadeiras e interação de Maria com o grupo, de entender sua fala, além de perceber suas tentativas de se comunicar com movimentos.

Esta realidade nos provocou a vontade de estudar, o que fazíamos durante encontros com os professores. Escolhemos o livro *Educação Inclusiva: com o pingô nos is* para guiar as conversas. Podíamos trocar experiências, retomar situações vividas, avaliar, combinar e estabelecer ações, além de falar de nossos não saberes, dúvidas e acertos.

Maria levava sustos com vozes altas e barulho de portas. Falamos com as crianças destas e outras questões, que exigiam mais cuidado de todos. Ela ficava sentada no chão, na rodinha, quando era posta pela Leila. Mas, para captar o máximo de sua atenção e buscar sua participação, era melhor que estivesse com as costas amparadas. Aprendemos muito com quem atendia Maria fora da escola, com as recomendações da mãe, da avó e com a

² Nome fictício.

própria Maria, ao participar com ela do lanche, do recreio, das interações com os colegas.

A novidade mobiliza e transforma, mas é sempre difícil capturar situações do dia a dia, fluidas, aparentemente pouco significativas, em relatos que também mobilizem a ponto de provocar a continuação de uma conversa/reflexão. Por trás de ações práticas, deve haver intenções claras, apoiadas em princípios. Porém, também na dinâmica reveladora do cotidiano, acontecimentos imprevisíveis testam nossa capacidade de perceber, sentir e criar.

A questão da inclusão nos fez viver sob a influência de certos discursos que nos assombravam, mesmo que não estivéssemos tão conscientes deles. Ouvíamos em palestras e conversas com as famílias, que, além dos ganhos sociais com a inserção das crianças em escolas regulares, precisávamos garantir também o desenvolvimento intelectual. Este sempre foi um desafio porque, embora houvesse uma metodologia, tínhamos que adaptá-la às possibilidades de Maria para que ela fizesse progressos. É preciso reconhecer que tudo isso, talvez, nos tenha aprisionado numa necessidade de “medir” o que de fato era aprendido por ela. Levou um tempo para lidarmos com mais independência e leveza com as cobranças nesse sentido. Devo mencionar o empenho e a dedicação das professoras que se sucederam. Elas, ao se disporem a viver esta experiência, ousaram experimentar e abandonar certezas para construir novos caminhos. Embora esta situação nos faça pensar num conjunto de pessoas refletindo e agindo juntas, é impossível não reconhecer a liderança da professora de cada ano. No trabalho cotidiano com crianças, elas operam milagres, pois sabem explorar as possibilidades que enxergam diante delas.

Com este relato, quis ressaltar a potência de uma experiência pedagógica que se beneficiou da produção cotidiana de

conhecimentos variados, de ritmos e intensidades diferentes, e que envolveu pessoas que se deixaram afetar.

Referência Bibliográfica:

Edler, Rosita. *Educação inclusiva: com o pinga nos "is"*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2004.

Sobre a autora:

Elaine Deccache Porto e Albuquerque - Ex-Orientadora do Colégio Teresiano Cap/PUC-Rio. Doutora em Psicologia pela PUC-Rio.